

ARQUEÓLOGOS DO CONTEMPORÂNEO: UMA EXPERIÊNCIA ALTERNATIVA

*Rita de Cássia Alvares**

ALVARES, R. de C. Arqueólogos do contemporâneo: uma experiência alternativa. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo, 1:131-143, 1991.*

RESUMO: Este artigo apresenta uma experiência realizada com alunos da Escola Pública de São Paulo, que inclui a visita monitorada ao MAE-USP. O objetivo desse trabalho é divulgar alguns procedimentos pedagógicos, bem como os resultados obtidos com a exploração dos artefatos como documentos.

UNITERMOS: Arqueologia. Educação. Museu.

São Paulo, bairro do Jaguaré, Escola Estadual de Primeiro Grau "Deputado Augusto do Amaral", ano de 1987, aqui se viveu uma experiência como tantas outras em que se desejou ter sucesso.

Um dia, alguém disse que todo conhecimento é uma resposta a uma pergunta. É verdade. Para se conhecer o mundo - o passado ou o presente, o aqui ou o mais longe é preciso fazer perguntas sobre ele. O estudante, criança ou jovem, é abastecido por uma curiosidade sem limites e não lhe basta olhar com atenção e descrever o que está a sua volta. Quer mais e interroga o porquê de tudo ser como é. Sente que o meio em que vive é feito de contrastes e, por isso, ele o questiona, supõe respostas, experimenta-as trabalhando em cima da sua vivência, constrói seu pensamento e chega à abstração.

Por outro lado, História não pode ser vista como acontecimentos considerados notáveis num passado relativamente distante. O educando não tem ainda como perceber o valor do histórico na sua vida, porque este é sempre colocado a ele como o que já foi, longe dele e do espaço em que vive. No entanto, História é tempo acumulado em todas as coisas, e, mais ainda, é passado sim, mas no exato momento em que ele é mode-

lado. Uma vez interrogado o que passou, cada um aproxima esse suceder de acontecimentos com o agora e o mais próximo e, assim, constrói a sua história e compreende as coisas ao seu redor.

Foram exatamente essas idéias o ponto de partida deste trabalho com uma classe de Ciclo Básico, com crianças em início de alfabetização, em escola de periferia da cidade de São Paulo. Pareceu para muitos ousadia e excesso de confiança querer deixar de lado as aulas de Estudos Sociais, quase sempre rápidas e com pouca participação dos alunos, onde o maior destaque era dado para as fichas mimeografadas que continham exercícios de completar e pintar. Pretendia-se mudar a prática e experimentar aquilo que o Ciclo Básico realmente propunha e era incentivado pela *Proposta Curricular para o Ensino de História no Primeiro Grau* (em sua 3ª edição preliminar, elaboração da Equipe Técnica de Estudos Sociais-História. São Paulo, SE/CENP. 1986).

E por que não ir mais além e levar essas mesmas crianças a um museu, acreditando que o seu capital de conhecimentos dava-lhes condição de não só entender como interpretar aquele mundo, que muitos adjetivaram de acúmulo de cultura elitista? O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo havia nos oferecido a oportunidade de participar de uma visita

(*) Pós-graduanda em Arqueologia Mediterrânea do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade São Paulo. Bolsista do CNPq.

monitorada à sua exposição, sob a tutela do Serviço Educativo, recém criado na época. E por que não aceitar o convite?

A escola e os alunos da periferia

Adão, Lindomar, Reinaldo, Nilda e Josefa, meninos e meninas, eram ao todo vinte e quatro crianças inquietas, algumas mais, outras menos. Na idade, iam de oito a doze anos, na repetência, a terça parte fazia a primeira série do primeiro grau pela quarta vez, mas havia os que insistiam pela quinta ou sexta vez e estes eram quase outro terço da classe.

Na sua maioria eram crianças miúdas, que moravam nas favelas das redondezas, plantadas na vizinhança das indústrias e que parecem escorrer pelos cantos vazios entre uma fábrica e outra. As demais moravam em casas alugadas, sempre pequenas, ocupadas por famílias com muitos irmãos e outros parentes.

Favelados ou não, todos eram de origem humilde. A maioria viera como migrantes e os do Nordeste eram mais da metade. Essa condição, via de regra, era determinante das possibilidades de trabalho e de vida. O fato de virem da zona rural para os grandes centros urbanos fazia com que os pais dos alunos não tivessem uma profissão definida. Não restava outra saída senão empregar-se na construção civil ou em serviços gerais, exercendo funções de baixa remuneração, das quais não se obtinha o suficiente para o sustento da família. A solução era morar na favela: mas não era o bastante, e tanto mãe como os filhos mais velhos precisavam trabalhar.

A Escola Pública ao tratar com essas crianças faz um julgamento apressado e impreciso. Ela as rotula de imaturas nas suas reações às atividades propostas e diz terem poucas possibilidades de desenvolvimento das capacidades de atenção e concentração, condição que as tornaria com atributos insuficientes para a aprendizagem. Na maioria das suas atividades, a Escola bloqueia a expressão do pensamento e, por isso, todo esse potencial é rejeitado na alfabetização.

O discurso da Escola não é o discurso do aluno. O que o professor apresenta para as classes das primeiras séries do primeiro

grau como informação nova, tirada de livros e jornais, é para esse aluno o dia a dia vivido e sofrido e, por essa razão, a "novidade" que ele mostra não é tão novidade e está empregada de significados concebidos pelo ouvir contar e muitas vezes alheios à própria vida dele. Nos jogos ao ar livre, só interessa a essa criança correr e ir de encontro com os colegas, porque o limitado que é o seu próprio barraco o faz conceber a sua casa bem maior, do tamanho do mundo; o seu cotidiano é o das ruas; a sua família são todos um pouco; a sua experiência e visão de vida é uma quantidade sem tamanho de histórias vividas ou conhecidas da boca de tantos outros.

Aquelas crianças da escola da periferia valiam muito mais do que aquilo que se dava por elas e a prática confirmou esta afirmativa. Na verdade, nem tudo aquilo que a Escola lhes dava era do interesse delas e lhes era significativo.

O aprendizado de história no ciclo básico

A clientela da escola era exatamente uma amostragem dos alunos da rede pública estadual, que tornaram necessárias mudanças e a criação do Ciclo Básico. O ensino de primeira e segunda séries do Primeiro Grau nas escolas do Estado, desde 1984, tinham assumido um novo compromisso. A política de democratização do ensino até então havia se restringido a construir e instalar novas escolas, providências que não refreavam nem revertiam o aumento dos índices de repetência e consequente evasão escolar. A questão era mais profunda e o ponto nevrálgico da educação era o próprio sistema educacional: de nada adiantava mudar conceitos pedagógicos ou criar novos conteúdos; a solução era mais simples e punha como essencial que os agentes da educação, ou seja, os professores, estivessem plenamente envolvidos com a idéia do que seria a democratização do ensino como sistema.

A idéia de mudança atingiu diretamente a alfabetização, onde foram révisos conceitos teóricos, que pediam que novas posturas fossem adotadas. Entretanto, pouco se alterou nas outras matérias quanto a conteúdo e esse era o caso de Estudos Sociais.

Nas últimas décadas, a população do Estado de São Paulo passou por expressivas transformações: a migração tornou-se mais intensa e o número de habitantes cresceu; as condições de vida e de trabalho tornaram-se precárias. Dessa maneira, assuntos como migração, favela e desemprego podiam e deviam ser discutidos no dia a dia da escola de uma forma natural, porque não havia como ignorá-los. O acesso às informações e o estímulo à reflexão são tarefas do educador, a quem não cabe indicar "verdades". Conhecedor da sociedade em que atua, o aluno terá meios de se sentir muito em breve investido dos seus direitos de cidadão e fazer suas escolhas.

No caso específico da História, noções como tempo e, ainda, permanência e mudança só tiveram sua importância valorizada a partir de 1986, sendo temporalidade e memória excluídos do ensino de Estudos Sociais para as primeiras e segunda séries. O fato histórico aparece sempre desligado do seu contexto e do seu tempo. Para o educando restava participar de comemorações de datas cívicas, onde se ouvia falar deste ou daquele herói, cercado de informações reduzidas, quase sempre estereótipos, e colorir fichas mimeografadas com desenhos que pouco mostravam dos acontecimentos.

Por sua vez, a opção por uma proposta alternativa de trabalho tem como razão o fato da multi-repetência ser um condicionante comum a todos os alunos da classe em questão. A repetência era um dos problemas que o Círculo Básico procurava solucionar. Não há como não admitir a existência de conflitos entre a estrutura da escola e a cultura dos alunos. O ensino público não estava preparado para a sua clientela, que se transforma rapidamente, se pondo alheio ao fato de que toma cada vez mais corpo o amálgama que se produz entre a cultura tida como oficial, e que ele preserva cegamente, e as culturas tidas como periféricas. Com isso, o aluno se distancia mais da escola e à repetência se segue a evasão.

Historiadores da sua própria história

Parecia difícil dar aulas de Estudos Sociais para aquela classe. Todos eram repeten-

tes e não eram poucos os que já conheciam de cor os conteúdos estabelecidos para a primeira série. A escola já havia estabelecido o seu programa antes do início do ano letivo e não quis deixá-lo de lado: seguiu a sugestão da Secretaria Estadual de Educação através da sua publicação *Subsídios para o Ensino de Estudos Sociais no Primeiro Grau*, de 1984. Vamos estudar os mesmos conteúdos "Eu, criança", "Eu na escola" e "Eu no bairro", mas a ousadia estava em iniciar o desenvolvimento de noções como memória, temporalidade, artefato como fonte histórica e museu; era o mesmo caminho seguido, somente que, então, se queria ver a verdade de cada um, respeitada e considerada importante.

O início foi o particular. O que se pretendia era dar condições para que as crianças conhecessem melhor a si mesmas e às outras, que percebessem que a identificação de cada uma delas não se restringia ao nome, mas, da mesma forma, era o que se podia saber das pessoas por seus atributos pessoais e atitudes. Por outro lado, diferenças e semelhanças entre elas também as distinguiam.

O passo seguinte foi a família. O objetivo aqui era identificar e conhecer melhor as pessoas com as quais as crianças dividiam o cotidiano. Interessava saber das relações de parentesco e de poder, da maneira como a casa se organizava e se mantinha. A todo momento eram incentivadas a usar de suas lembranças pessoais e, quando estas não eram o suficiente para responder às perguntas, a curiosidade acabava por levá-las a inquirir seus familiares para recurepar uma vivência em família.

Houve uma oportunidade em que se deu aos alunos a tarefa de preencher uma ficha mimeografada com o nome dos membros da família - pai, mãe, irmãos e o próprio nome. A surpresa veio no dia seguinte e aos nomes pedidos foram acrescentados os dos avós, tios e primos. Junto vieram histórias de parentes que viviam em outros lugares ou mesmo já falecidos, dos quais pouco ou quase nada se sabia antes. Consequente foi transformar o período da aula de Estudos Sociais em oportunidade para a troca de histórias de família, quando foram incentivados a ir mais fundo e identificar semelhanças e diferenças entre as experiências de vida deles. Ainda com essas histórias de família, pode-

se trabalhar a noção de permanência e mudança: a partir das informações que cada um tinha, comparou-se o lugar de origem, onde haviam nascido, e São Paulo, onde moravam então. A conclusão era que, na cidade grande, tudo se transformava rapidamente, mas, entretanto, entre o lá e o cá havia uma permanência, a pobreza: a daqui podia não ser igual à do Nordeste, mas o ser pobre era uma constante na vida deles.

Foi seguindo nessa direção que se pode estabelecer o conceito de memória. Como eles chegaram a definir, todas as pessoas, e nelas se incluem as crianças, guardam para si pedaços de experiências que se tornam lembranças. São momentos selecionados entre muitos outros, que, uma vez reunidos, dão ao homem a consciência de que ele não é apenas presente. Assim, as crianças envolvidas com este projeto acabariam por perceber, ao fim de tanta reflexão, a importância de si mesmas como agentes da história e a responsabilidade como construtores do futuro.

Tinha-se, então, uma grande quantidade de lembranças: eram fatos recuperados do passado, que até bem pouco tempo nem se sabia ter um nome, a memória. Era preciso iniciar a noção de tempo: mostrar que os momentos são como contas de um colar e que, postos em sequência, mostram-se encaixados e articulados e que tempo é exatamente isso. Uma vez organizada a memória, lembranças ordenadas uma após a outra seguindo o critério em que os momentos se sucediam, pode-se falar em história pessoal propriamente dita e, mais que isso, a partir dela entender o momento de vida que, então, era presente.

Para facilitar, partiu-se de um espaço mais limitado de tempo: as vinte quatro horas de um dia. A tarefa era relacionar as ações que preenchiam o cotidiano de cada um. A idéia de linha do tempo foi deixada de lado, porque eles não sabiam escrever bem, preferindo-se os desenhos ordenados como se fossem uma história em quadrinhos do dia de cada um. Inesperado foi encontrar no trabalho de quase todos legendas "tomar banho", "ir à escola" "jantar", "dormir" - acompanhando os desenhos muito coloridos, numa escrita rudimentar porém com muita vontade de se fazer entendido. Feito isso, fomos para um tempo maior e o objetivo

agora era construir uma história de vida. As lembranças foram selecionadas na memória, postas cada uma em seu lugar e expressas em desenhos e na escrita que se tinha. Escrever aqui era sempre bem-vindo e elogiado, mas o que se queria era a coerência na organização sequencial e que se percebesse que todas as ações estão relacionadas entre si, determinadas e determinando umas às outras.

Depois da família veio a escola. Trabalhava-se com um espaço físico e um grupo social maior. A escola foi pesquisada como edifício e local de diversos tipos de relações. A tarefa era observar, investigar e debater sobre dados reunidos e dessa ação resultaram a execução pelos próprios alunos de plantas do edifício da escola, desenhos de detalhes da sala e muitas histórias. Mais uma vez eram lembranças coletadas entre os funcionários, os professores, a vizinhança e eles mesmos e os colegas, que tiradas da memória de muitos e ordenadas no tempo tornou possível construir a história oral da escola.

Exploração de um mundo novo: a visita ao museu

Até aqui, haviam trabalhado como historiadores recuperando a história de vida, a história familiar, a história da escola. As crianças estavam empolgadas e gostaram de saber que "era quase assim que se trabalhava na Universidade de São Paulo" A proximidade com a Universidade - o bairro do Janguaré é vizinho da Cidade Universitária sempre foi um motivo de interesse para saber o que se fazia lá. O entusiasmo foi ainda maior quando falci do trabalho do arqueólogo e que elas podiam fazer o mesmo estudando o bairro.

Já sabiam que, muitas vezes inconscientemente, as pessoas vivem selecionando e arquivando lembranças, que juntas e seriadas dão a noção justa de temporalidade e história. Porém, nem sempre se tem acesso à pessoa humana para que ela nos ceda suas lembranças. Havíamos trabalhado com o passado próximo, de duas ou três gerações anteriores à nossa, mas o que dizer da história de homens que nos antecederam em muitos anos. Por sua vez, não podíamos dispor, em sala de aula, de textos como fontes his-

tóricas, porque pouco se sabia ler. A saída para o impasse era tomar o artefato como documento histórico. O objeto tinha a seu favor a materialidade e a linguagem mais clara e concisa. Como produto de uma cultura, o esmero com que foi produzido nos dá a conhecer o nível da técnica que se domina, a sua matéria-prima, as condições físicas do ambiente, enquanto que a decoração nos fala dos gostos e dos costumes do artífice e de seus usuários. O artefato está mais próximo das crianças das séries iniciais da escola, pois tem o caráter de cotidiano, onde elas podem perceber melhor semelhanças e diferenças da sua vivência diária com a do produtor do objeto.

Uma atividade extra-classe foi introduzida intencionalmente no programa para iniciar o trabalho com a noção de artefato junto às crianças da classe. A visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP tinha antes de tudo um sabor diferente. Não era, como das outras vezes, um passeio sem convite, quando se jogava bola nos gramados da Cidade Universitária. Eles iam entrar, enfim, em um daqueles prédios e tratar com os "cientistas", como dizia o Luiz Carlos, doze anos na época.

O dia foi esperado com ansiedade pelos alunos e também por seus pais, que aguardavam a volta deles para saber como era tudo por lá. O serviço educativo do MAE-USP havia, como de costume, preparado uma visita que melhor atendesse aos interesses dos alunos e da escola. O primeiro contato com o artefato enquanto documento histórico foi com peças de cerâmica americana de duas culturas andinas, quando as crianças puderam manuseá-las, dizendo em seguida o que pensavam delas e das pessoas que as haviam produzido e utilizado. Denise e Cristina, monitoras do Museu, ensinaram-nas a manusear com segurança e observar da melhor maneira as peças, com o fim de identificar nelas a matéria-prima e a técnica de fabricação utilizadas, bem como a sua função enquanto objeto do cotidiano.

O tom informal que sempre permeou o diálogo entre monitoras e alunos, parece ter afastado a timidez e a distância entre eles. Por outro lado, a similaridade entre a experiência de cada um e da cultura que haviam trazido para a cidade grande e a mensagem expressa naqueles artefatos de cerâmica americana parecem ter dado confiança a eles.

Muitos haviam feito uso e mesmo produzidos utensílios como aqueles no dia a dia em seu lugar de origem. O que lhes parecia, e que realmente aconteceu, é que a oportunidade que se apresentava naquele momento tornou-se uma troca de experiência e de saber entre eles e as monitoras. O que se fez foi recuperar as práticas para a coleta de argila, o tratamento que ela recebe antes da produção do objeto, a produção em si, a secagem e a decoração. E fizeram mais, além de identificar etapas no processo de produção, chegaram a perceber a necessidade de divisão e especialização do trabalho.

Ao contrário do que se pensava, não houve dificuldade para se classificar as peças em questão, separando-as por cultura: para eles pareceu fácil considerar a matéria-prima, técnica e decoração da mesma natureza, o que demonstrava que determinadas peças haviam sido criadas por um grupo de homens que tinham a mesma cultura.

Mesmo nada sabendo da procedência daqueles artefatos, Reinaldo, doze anos, arriscou um palpite: "Ah! Devem ser objetos que vieram da Amazônia e na certa foram feitos pelos índios." Havia mais acerto do que se esperava nas palavras dele.

Ainda nesta atividade, as monitoras introduziram a noção de Arqueologia e do trabalho do Arqueólogo. É muitas vezes por eles que se recupera a história de povos distantes de nós tanto no espaço como no tempo. Arqueólogos e Historiadores recorreram à memória desses povos através dos artefatos e dos textos para que pudessem incorporá-la à nossa.

Quase todas as crianças falaram e mesmo as que permaneceram caladas prestaram atenção em tudo, tamanho era o seu interesse. Causou estranheza terem ficado pouco menos de uma hora atentas e concentradas numa mesma atividade, devendo se anotar aqui o fato de ter se estendido por um tempo bem maior que o programado e isso porque as próprias crianças encontravam detalhes importantes a mais da conta e sobre eles queriam saber tudo.

Estudadas as peças de cerâmica americana, estavam as crianças prontas para a visita à exposição do MAE-USP. Não foi por acaso que o ponto de partida para esta exploração foi uma vitrine no setor de África. A intensão era recuperar discussões em sala

de aula sobre etnia. Raças e tradição foram assuntos muito discutidos nas aulas de Estudos Sociais. Identidade com suas origens era algo praticamente inexistente entre os alunos da classe: negro e índio, ninguém se admitia como tal e menos des-cender deles; independentemente da cor da pele, todos se consideravam brancos e era difícil convencê-los do contrário. Antes de mais nada, o trabalho com artefatos de povos indígenas da América e de africanos, quiseram pôr abaixo preconceitos baseados na inferioridade racial e cultural. Todos queriam ver aquelas máscaras de culto, talhadas em madeira com tanta arte pelos africanos. Por fazerem parte de uma vitrine da exposição, não se pode manuseá-las, mas isso não foi obstáculo para dar asas à curiosidade e se saber mais. A dedução e a experiência de vida de cada um mais uma vez ajudou a entender como haviam sido feitas e mesmo como se usavam. No grupo, não havia quem não se encantasse ou não estivesse atento. Foi em meio a tanto interesse que Luis Carlos, se referindo aos africanos, disse: "essa é a minha nação" Ao contrário de tantas outras vezes, em que se irritou com os colegas, porque estes o chamavam com um "oh neguinho!", o menino agora encontrava motivo para sentir orgulho das suas origens e da cor da sua pele.

Somente depois desse trabalho de análise com as máscaras de madeira no setor de África do MAE-USP é que as crianças puderam percorrer as dependências da exposição numa visita livre. O que se pretendia foi alcançado: elas não apenas olharam vitrines, mas se sentiram seguras para observar detalhes e entender melhor os artefatos ali expostos. A toda hora as monitoras eram solicitadas para tirar dúvidas e fornecer maiores informações.

Para terminar a visita havia mais uma surpresa preparada pelas monitoras. Brincar também é aprender e a proposta delas, então, foi imediatamente aceita. Na "Caça ao Tesouro" as crianças recebiam esboços das peças em exposição. Da mesma maneira que as tarefas anteriores, esta também exigia muita atenção e observação meticulosa, não podendo escapar qualquer detalhe e, mais uma vez, os resultados surpreenderam a todos que testemunharam esta experiência.

As atividades realizadas no MAE-USP foram gravadas e mesmo a câmera, que os seguiu por todo o tempo, não os intimidou

ou foi motivo para qualquer descompostura. Eles haviam passado no mais difícil exame.

As monitoras do Museu souberam aproveitar a vivência de cada uma das crianças: com toda habilidade, usaram o fato de muitas delas terem tido contato com a cerâmica nos lugares de onde vieram e fizeram do momento não a reprodução de uma aula formal de História, mas sim a oportunidade para a troca de experiências envolvendo as crianças e elas mesmas. A familiaridade com aqueles objetos do cotidiano havia lhes dado confiança e em nenhum momento elas se sentiram intimidadas por estarem tratando de um assunto que para muitos era coisa de "cientista" Surpreendeu a apurada percepção visual, não apenas na localização das peças, como aconteceu na brincadeira da "Caça ao Tesouro" mas também na identificação de detalhes da sua composição. Marcelo, onze anos, logo na entrada da exposição, percebeu e apontou um dos objetos feito em osso, o que passou despercebido a todos. O que parece importante anotar é que, na escola, o menino se apresentava sob o rótulo de limítrofe e sem muitas possibilidades de sair bem alfabetizado da escola. Como ele, os outros identificaram também com facilidade materiais variados usados na produção das peças do Museu e os usos que se dava a elas nas culturas de origem: em nenhum momento a insuficiência da capacidade de ler havia sido problema, porque eles não precisavam de legendas para saber o que eram.

O que se queria, afinal, era desenvolver a capacidade de ler, antes de mais nada, o nosso tempo, compreender o dia a dia, para, a partir disso, procurar viver melhor. O estudo do artefato, como o experimentado no MAE-USP, teve o poder de desmistificar preconceitos, porque se conheceu a riqueza da linguagem que aqueles objetos haviam preservado e guardado até que nós a desvendássemos. O que se rotulou inicialmente como primitivo, em se falando da cerâmica da América pré-colombiana e máscaras africanas, tornou-se riqueza cultural, ao mesmo tempo em que se percebia o quanto o presente é rico, mesmo que na pobreza dos barracos e em meio da poluição das indústrias.

A visita ao Museu impressionou as pessoas envolvidas no projeto, na medida em que deixou evidente o quanto aquelas crianças eram ricas em sua experiência de vida e em nada faziam justiça ao rótulo que se lhes

havia dado a princípio: nada tinham de imaturas, desatenciosas e indisciplinadas. A carência e precariedade que marcavam o seu cotidiano não eram condicionantes para fazer delas menos capazes. A rua é onde o menino aprende a sobreviver, porque seus pais trabalham e ele passa o dia sozinho. Ele "sabe das coisas" e o professor não pode desconsiderar esse fato. Com esta experiência fiquei convencida que o melhor é tirar vantagem disso. O aluno não pode conhecer o mundo em detalhes que escapem mesmo a nós educadores: a aprendizagem deve abrir espaço para a reflexão e o amadurecimento das idéias e porque não aprendermos juntos?

"Arqueólogos do contemporâneo": uma maneira diferente de estudar o bairro

Consequências desse primeiro contato com os artefatos eram esperadas. A aula de Estudos Sociais que se seguiu à visita ao Museu havia sido programada por mim, mas os próprios alunos praticamente exigiram que conversássemos a respeito do passeio. A experiência vivida no MAE-USP foi posta em discussão e foi unânime entre eles uma impressão antes de mais nada inesperada. Não seria de estranhar eles se sentirem mais à vontade na brincadeira "Caça ao Tesouro" e os conteúdos de aprendizagem serem superados pelo brinqueado na preferência deles. Entretanto, contrária foi a sua impressão final e para eles a cobrança de resultados positivos e a tensão consequente aproximava a brincadeira com a sala de aula tradicional. Por outro lado, as demais atividades que haviam sido pensadas enquanto aprendizagem formal, não exigiram tanto das crianças. O bate-papo informal e o aproveitamento da experiência de cada um nem parecia aula. O que se fez foi organizar informações, deduções e idéias pré-existentes, na condução a um fim previamente determinado.

Recuperada e comentada a experiência do Museu, cabia então trabalhar com os artefatos do cotidiano: os arqueólogos passavam a ser os alunos às voltas com o seu próprio museu. E foram eles mesmos que trouxeram essa idéia para o seu cotidiano. Com o material escolar - lápis, livros, cadernos -, cada um queria mostrar que agora po-

dia "ler" o que eles diziam, como eram feitos e sobre os seus donos atuais, eles mesmos. A análise de objetos do cotidiano exigiu que assuntos os mais variados fossem tratados. Do trabalho artesanal à produção industrial, falou-se do fabrico do plástico e da cerâmica, da impressão de livros e jornais, da extração de minério e da produção de artefatos de metal, entre outras coisas. De uma tesoura escolar, Reinaldo recuperou para nós as lembranças dos anos que viveu em Minas Gerais e conheceu de perto a extração de minério, porque parentes seus já haviam trabalhado nisso.

Nem sempre a idéia dos alunos foram simplistas e, por vezes, se permitiram até ousar, criar fantasias. Quando se falou da função dos objetos, Ricardo, nove anos, disse que as suas canetas hidrográficas serviam para riscar o papel, escrever ou desenhar, mas, se ele "fosse índio" usá-las-ia também para pintar o corpo antes de ir para guerra.

Tudo isso era algo que lhes agradava fazer, entretanto era preciso trazer toda essa vivência nova para o programa de Estudos Sociais. Se haviam sido arqueólogos por alguns momentos, como dissera Denise, monitora do MAE-USP, porque não fazer o mesmo na sala de aula? A tarefa era estudar o bairro e a nova incumbência que se lhes dava era recolher artefatos dos diversos ambientes - a casa, a rua, a escola, -, para que formassem uma coleção que falasse das verdades do bairro. No entanto, havia ainda artefatos que não podiam ser recolhidos, como era o caso dos edifícios, ruas e , para isso, encontrou-se outra solução: os alunos receberam folhas e nelas, depois de observação atenta, deveriam desenhar as favelas em que moravam, as indústrias próximas a elas, as avenidas, as ruas de maior movimento, os centros comerciais, enfim, tudo o que eles achavam que dava a conhecer o bairro.

O que se estava fazendo, na verdade, era um estudo do meio e o objeto pesquisado era o bairro do Jaguaré. O resultado dessa investigação foi uma coleção de objetos e desenhos. Com esses artefatos organizaram uma exposição, selecionando-os com a idéia de que, da mesma forma que eles puderam conhecer povos do passado por produtos da sua civilização, a nossa cultura preserva inconscientemente artefatos para o futuro, e com eles escolhidos e ali separados queriam se fazer conhecer e ao seu bairro da mesma

maneira. Cada um deles sentiu de perto a responsabilidade que o trabalho envolvia e a necessidade de serem o mais precisos e claros para que a mensagem fosse compreendida.

Por opção de trabalho, a minha atuação como professora foi a de estimular atividades e coordenar debates, ajudando-os a organizar as idéias numa síntese. Foram feitas legendas para os objetos trazidos pelos alunos. Cada um deles devia ter indicado seu nome, o material de que era feito e o seu uso, além de se referir às razões que levaram a escolher este e não outro objeto. As suas limitações foram respeitadas. Em momento algum, se quiz dar à atividade caráter de exercício para se identificar e corrigir erros, sendo as imprecisões ortográficas mantidas, desde que o sentido das palavras pudesse ser compreendido. A intenção era deixar claro que todos podiam se comunicar e que sentissem necessidade disso, mesmo que a ortografia dita correta não fosse do domínio deles.

Edificações, serviços públicos e meios de transporte foram considerados artefatos e contavam também a história do bairro, porém não podiam ser trazidos para dentro da sala de aula, e restava então serem reproduzidos através do desenho. Alguns alunos atingiram com facilidade os objetivos específicos desta atividade e apresentaram desenhos que continham grande quantidade de informações resultantes da observação atenta daquilo que pretenderam retratar. Reinaldo preocupou-se com detalhes do serviço público instalados na sua rua, como água, luz, telefone. Waldemberg, dez anos, foi minucioso no retrato das fachadas das moradias e prédio comerciais a ponto de se preocupar com telhados irregulares, grades, guaritas de segurança dos edifícios de apartamentos, numeração das casas, detalhes dos veículos, numa representação espacial de rua bastante complicada. Adão, oito anos, demonstrou desenvolvida capacidade de observação e seleção de informações apesar da idade. No barraco onde mora e no da vizinha não esqueceu nem as placas penduradas ("Manicure e Pedicure" e "Vende-se casa"). Da indústria Palmolive e da Cidade Universitária demonstrou sua capacidade de síntese e de criar uma linguagem pictórica, enquanto na Antártica atentou até para a grafia correta e a representação dos dois pinguins da marca.

Osiel, treze anos, preferiu mostrar a Favela do Jaguaré, a sua casa por dentro, a casa de dois pavimentos vizinha do amigo Marcos, até o pitoresco restaurante da favela. Das meninas, a Cícera, dez anos, preocupou-se com a documentação da realidade e para isso teve a ajuda dos pais e vizinhos que se ofereceram para participar do trabalho escrevendo eles mesmos seus nomes. Josefa, oito anos, por trás do traço rápido e displicente mostrou a Favela Nossa Senhora da Paz e a sua proximidade da indústria Palmolive. Houve quem achasse os desenhos da Givaneide, dez anos, e da Adriana, nove anos, estereotipados e infantis. Na verdade, ambas demonstraram o seu interior, nada mais eram que duas meninas românticas e sonhadoras. Mesmo assim, a Adriana conseguiu mostrar um pouco do cotidiano da favela com a menina equilibrando encima do muro.

Coletados os artefatos e sua seleção feita, restava ainda organizar numa exposição arrumando os objetos como nas vitrines do museu. As peças foram agrupadas segundo critérios estabelecidos pelos próprios alunos: pratos, copos e outros utensílios de cozinha foram mostrados juntos; o mesmo aconteceu com anéis, pulseiras, bijouteria barata, e até um relógio que não funcionava; dinheiro fora de uso ficou com as figurinhas e um álbum, porque eram de papel e tinham figuras. Os desenhos foram arranjados conforme os lugares representados - os da Avenida Jaguaré juntos, os das cenas das favelas do bairro, as fachadas das indústrias e estabelecimentos comerciais -, e estavam prontos para serem pendurados em varais em torno da sala.

Tudo havia sido feito com muita vontade de se ver o resultado e assim concluiu-se a atividade sem muita demora: coletar e selecionar objetos de todo dia, representar por desenhos e ver neles os detalhes do bairro, para conhecê-lo melhor, não foi difícil, mas era preciso concluir o trabalho e abrir a exposição ao público. Nesse momento, boa parte das crianças mudou de atitude e se desinteressou pelo que estavam fazendo. O que me pareceu é que elas ficaram desiludidas com o resultado, pois haviam tomado consciência da pobreza do seu cotidiano e acharam o acervo coletado em nada igual às peças vistas no MAE-USP: faltava-lhes beleza e graça. Foi preciso que elas soubessem que muitas das peças do museu de verdade ha-

viam sido encontradas em habitações simples e eram utensílios de cozinha ou outros objetos de uso comum para seus donos. O rótulo de preciosidade e beleza somos nós, não presente, que lhes atribuímos.

Aqui parece conveniente lembrar o que disse Jean Baudrillard exatamente sobre isso: "... cada classe tem seu museu pessoal de ocasião. Somente que ainda em larga medida o operário e o camponês não gostam do antigo. Não é que não tenham para isso nem lazer nem dinheiro, é porque não participam ainda do fenômeno de aculturação que afeta as outras classes. Contudo, tampouco gostam do moderno experimental e da criação de vanguarda. O museu deles frequentemente se reduzirá a quinquilharias mais humildes, a todo um folclore de animais de faiança e terracota, de bibelôs, de xícaras, de souvenirs emoldurados, etc, a toda uma imagística (...) que será vista ao lado do último modelo de eletrodoméstico" (*O Sistema dos Objetos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973, p. 1).

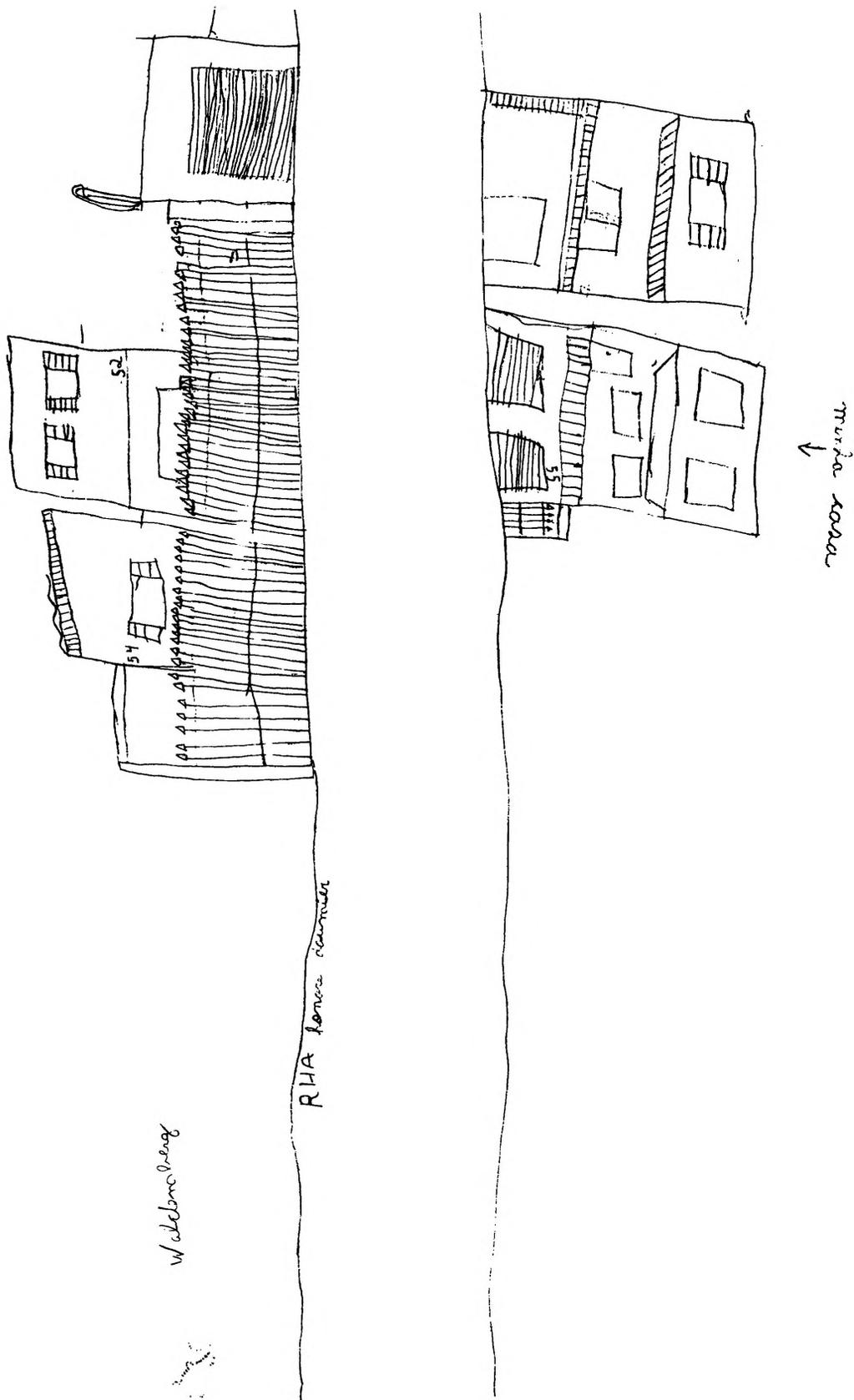
Somente com muito diálogo é que se pôde reverter em parte a situação. Falei da importância de que mais pessoas vissem o trabalho deles, principalmente pela análise diferenciada que eles haviam feito do bairro e acabaram aceitando mais este desafio. Por criação coletiva batizaram a exposição de "Museu Arte e Técnica" e lá foram eles convidar os colegas para vê-la. Estes eram alunos de uma segunda série do mesmo período, crianças da mesma idade que eles e com quem jogavam futebol na hora do recreio. Dona Vera, a professora da classe convidada, veio junto e fez dessa participação atividade

incluída no conteúdo dado em Estudos Sociais, inclusive seguida de discussão em sala de aula.

Diante dos alunos da outra classe, Luiz Carlos contou a experiência vivida no MAE-USP e que lá eles aprenderam a fazer como os arqueólogos e era isso que tinham tentado fazer aqui no estudo do bairro. Josefa escolheu ser uma das monitoras e não se cansava de repetir que a caneca do Ricardo era feita de argila, mas os pratos e os copos eram de vidro. Severino, dez anos, fazia o mesmo em outra vitrine e dizia que aquelas cédulas de dinheiro não podiam comprar mais nada e agora tinham que ficar no museu. Givaneide ajudava os visitantes a identificar nos desenhos os recantos do bairro, mas o que surpreendeu foi o fato de eles reconhecerem os lugares quase que imediatamente apesar dos rudimentares traços.

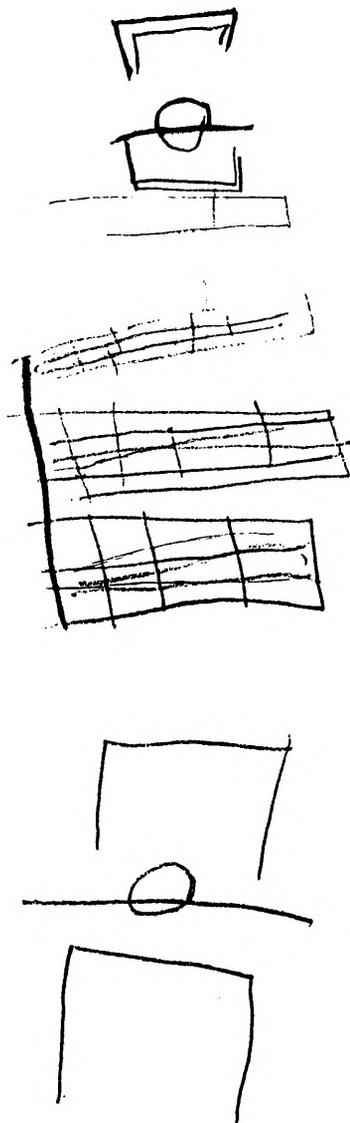
Concluído finalmente o trabalho, todos respiraram aliviados e até satisfeitos. Semanas depois eles puderam rever a experiência da visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia na Universidade de São Paulo através de vídeo feito por Diomar Bittencourt. Todos queriam se ver na televisão e acompanhavam cada movimento, cada rostinho que aparecia. Era gostoso lembrar daqueles momentos, rever as amigas Denise e Cristina, monitoras do MAE-USP, e o amigão Adriano.

Aquele havia sido um dia como nenhum outro. Como falou o Lindomar, onze anos, disseram que iam aprender muitas coisas, mas eles conversaram, fizeram amigos, brincaram, nada parecido com a escola.

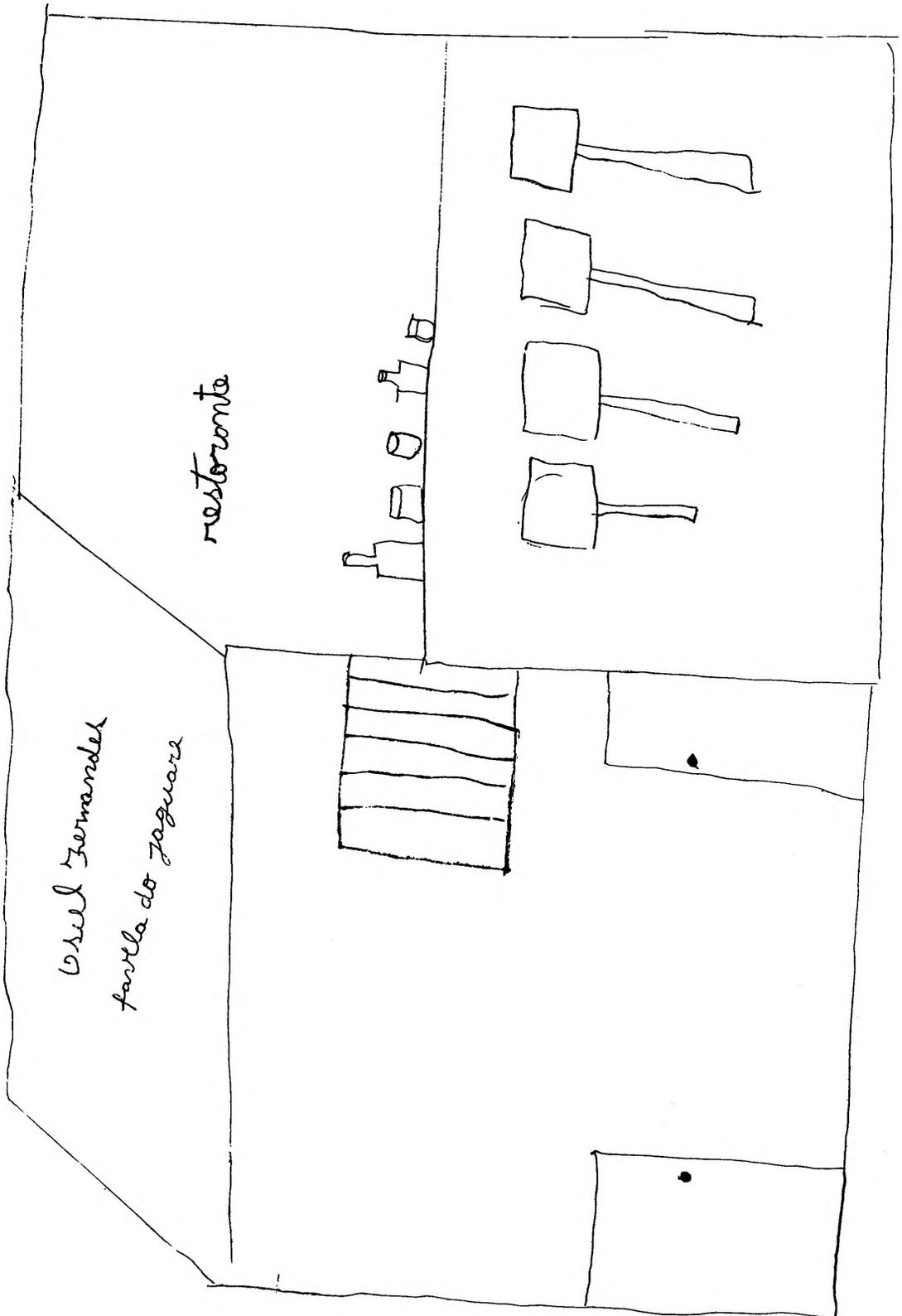


Cidade

Universitárias



Cidade Universitárias



ALVARES, R. de C. Arqueólogos do contemporâneo: uma experiência alternativa. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 1:131-143, 1991.

ALVARES, R. C., Contemporary archaeologists: an alternative experience. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 1:131-143, 1991.

ABSTRACT: This article presents an experience taken place with public school students in São Paulo. That includes a visit to MAE-USP. The work's objective is to spread some education procedures, as well as the results obtained with an exploration of the artefact as document.

UNITERMS: Archaeology. Education. Museum.

Recebido para publicação em 29 de novembro de 1991.